



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**INGRID MAIELE SILVA DUARTE**

**HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O QUE NOS  
CONTAM OS CONTEÚDOS?**

**SANTARÉM-PA  
2025**

**INGRID MAIELE SILVA DUARTE**

**HISTÓRIA DA AMAZÔNIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O QUE NOS CONTAM  
OS CONTEÚDOS?**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa de Ciências  
Humanas para obtenção do grau de  
Licenciado em História: Universidade  
Federal do Oeste do Pará, Instituto de  
Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lademe Correia  
de Sousa.

**SANTARÉM-PA**

**2025**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa**

---

D812h Duarte, Ingrid Maiele Silva  
Histórias da Amazônia na educação básica: o que nos contam os conteúdos?./  
Ingrid Maiele Silva Duarte. – Santarém, 2025.  
33 p.: il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Lademe Correia de Sousa.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do  
Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.

1. História da Amazônia. 2. Material didático. 3. História regional e local.  
I. Sousa, Lademe Correia de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 981.10981



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



ATA Nº 66/2025 - ICED (11.01.07)

Nº do Protocolo: 23204.003687/2025-19

Santarém-PA, 17 de março de 2025.

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos treze dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco, na cidade de Santarém, Estado do Pará, realizou-se, no Laboratório de História, na Unidade Rondon, Campus Santarém da Universidade Federal do Oeste do Pará, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Ingrid Maiele Silva Duarte, matrícula 2020009642, intitulado HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O QUE NOS CONTAM OS CONTEÚDOS? sob orientação da Profa. Lademe Correia de Sousa, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A banca examinadora foi composta pela presidente, a docente orientadora citada, e pelos seguintes membros docentes: Prof. Diego Marinho de Gois e Prof. Luiz Carlos Laurindo Junior, ambos da mesma universidade. Após a defesa e análise do TCC, considerando a excelente qualidade deste trabalho e a perspicácia da análise desenvolvida, a banca deferiu pela ( X ) aprovação / ( ) reprovação do TCC, atribuindo ao mesmo a nota 10,0. A banca também recomenda a continuidade da pesquisa em nível de mestrado. Fica acordado que a autora terá quinze dias, a partir desta data, para fazer os últimos ajustes no texto, conforme a arguição da banca examinadora. Proclamados os resultados pela presidente da banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu Lademe Correia de Sousa, lavrei a presente ata, que será assinada pela autora e membros da banca examinadora.

*(Assinado digitalmente em 17/03/2025 15:47)*

DIEGO MARINHO DE GOIS

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

ICED (11.01.07)

Matrícula: ###336#0

*(Assinado digitalmente em 17/03/2025 16:52)*

LADEME CORREIA DE SOUSA

DIRETOR

ICED (11.01.07)

Matrícula: ###044#5

*(Assinado digitalmente em 26/03/2025 09:03)*

LUIZ CARLOS LAURINDO JUNIOR

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

ICED (11.01.07)

Matrícula: ###187#5

*(Assinado digitalmente em 17/03/2025 16:26)*

INGRID MAIELE SILVA DUARTE

DISCENTE

Matrícula: 2020#####2

## AGRADECIMENTOS

A elaboração dessa pesquisa é resultado do sonho de vivenciar as experiências do curso superior, um percurso em que tenho me construído em uma historiadora professora pesquisadora. Mas esse trajeto, não o fiz sozinha e nem poderia... Foram diversos braços e abraços que me fortaleceram e conduziram até o fim da graduação e início de uma longa jornada, contribuindo para a Educação Básica do meu querido Pará e minha amada Santarém.

Para esses tantos braços e abraços, externo, minha carinhosa gratidão! Em primeiro lugar, agradeço ao meu amigo, Senhor e Salvador Jesus, que sempre esteve comigo e tornou possível esse sonho, me presenteando com pessoas maravilhosas ao longo desse processo.

Agradeço a minha família, aos meus pais Isaildo José e Livia Oliveira pela educação que me deram, aos meus irmãos Isaac e Alexandre, que sempre estiveram por perto. Sou grata ao pai dos meus filhos, Naldo Duarte, por sempre me incentivar a estudar e esteve comigo também em muitos momentos difíceis. Agradeço aos meus filhos, Atos, Pedro e Gabriel, por serem minha motivação para continuar vivendo e estudando.

Expresso meu carinho aos meus amigos do curso, Paulo Patrick, Mariete Freitas, Mailson Campos, Emily Martins, Maiane Gomes, Albino Pinto, que tornaram essa caminhada leve e divertida, apesar dos obstáculos. Aos nossos professores do curso, também agradeço por todo conhecimento que adquiri.

Agradeço a minha irmã Jade Teixeira, que não somente me incentivou, como me inscreveu no curso. Ao meu amado amigo Leildo Júnior (Manga), que em todas as fases da minha graduação, mesmo de longe, sempre esteve comigo.

As minhas queridas Edina Gualberto, Luena Fonseca, Helen Cristina e Aline Maia, serei eternamente grata por terem sido força quando precisei. Aos meus queridos Marcos e Lorena Gibson, Sérgio e Benedita Mafra, por todo acolhimento que recebi da parte deles.

Não posso deixar de agradecer ao meu querido professor Luís Laurindo, que me fez ver o quanto posso contribuir para o ensino de História. Ao professor Diego Góis, por fazer parte da banca e contribuir com meu aprimoramento.

Por último e jamais por ser menos importante, agradeço a minha querida e inspiradora orientadora, professora Lademe Correia de Sousa, por ter acreditado em mim, me dado todo apoio e suporte para pesquisar, escrever e apresentar este trabalho.

## RESUMO

Este estudo de caso investiga qual ou quais representações da Amazônia estão sendo apresentadas na educação básica em Santarém-PA. O trabalho de pesquisa foi desenvolvido em uma escola municipal de ensino fundamental, localizada na área central da cidade. A metodologia desta investigação se deu por meio de fontes documentais, que são os materiais didáticos e plano de curso da disciplina Estudos Amazônicos, além de entrevista com a docente que ministra esse componente curricular. O componente curricular emergiu no final do século XX, porém, narrativas de ausência e/ou carência de conteúdos de estudos amazônicos são constantes, bem como é notável a ligação deste fato com a falta de consciência histórica regional e local, em boa dos alunos e professores contactados. Este trabalho encontrou nas páginas dos materiais didáticos conteúdos regionais e locais, que dão suporte para um ensino de história capaz de contribuir para a construção da consciência histórica crítica e reflexiva, conectada desde o local até o global.

**Palavras-chaves:** História da Amazônia. Material didático. História Regional e Local. Ensino de História.

## **ABSTRACT**

This case study investigates which representations of the Amazon are being presented in basic education in Santarém-PA. The research was developed in a municipal elementary school located in the central area of the city. The methodology of this investigation was carried out through documentary sources, which are the didactic materials and course plan of the Amazonian Studies discipline, in addition to an interview with the teacher who teaches this curricular component.

The curricular component emerged at the end of the 20th century; however, narratives of absence and/or lack of Amazonian studies content are constant, as well as the notable connection of this fact with the lack of regional and local historical awareness among many students and teachers contacted.

This study found in the pages of the didactic materials regional and local content that supports a history teaching capable of contributing to the construction of critical and reflective historical awareness, connected from the local to the global. This case study investigates which representations of the Amazon are being presented in basic education in Santarém-PA. The research was developed in a municipal elementary school located in the central area of the city. The methodology of this investigation was carried out through documentary sources, which are the didactic materials and course plan of the Amazonian Studies discipline, in addition to an interview with the teacher who teaches this curricular component.

The curricular component emerged at the end of the 20th century; however, narratives of absence and/or lack of Amazonian studies content are constant, as well as the notable connection of this fact with the lack of regional and local historical awareness among many students and teachers contacted.

This study found in the pages of the didactic materials regional and local content that supports a history teaching capable of contributing to the construction of critical and reflective historical awareness, connected from the local to the global.

**Keywords:** Amazonian History. Didactic Material. Regional and Local History. History Teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Questionário feito à professora. ....	15
Figura 2. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 1º volume 6º ano. ....	21
Figura 3. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 2º volume 7º ano. ....	21
Figura 4. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 3º volume 8º ano. ....	21
Figura 5. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 4º volume 9º ano. ....	21
Figura 6. (Livro: 6º ano) Lista de Atividades: Organizando os Conhecimentos.....	22
Figura 7. (Livro: 8º ano) Unidade I: O fim de Período Colonial Brasileiro.....	22
Figura 8. (Livro: 8º ano) Lista de Atividades: Organizando os Conhecimentos.....	22
Figura 9. (Livro: 9º ano) Capítulo 10: A Amazônia em tempos de redemocratização.	22
Figura 10. Texto utilizado pela professora .....	28
Figura 11. Plano de Curso .....	28
Quadro 1. Estrutura do Livro do 6º ano .....	23
Quadro 2. Estrutura do livro do 7º ano.....	24
Quadro 3. Estrutura do livro do 8º ano.....	25
Quadro 4. Estrutura do livro do 9º ano.....	26

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. A HISTÓRIA REGIONAL/LOCAL NOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Os estudos amazônicos em uma escola pública de Santarém: estudo de caso. ....</b>	<b>13</b>
2.1.1 Análises dos materiais didáticos e plano curricular. ....	17
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde meados da década de 1990, inseriu-se no currículo escolar do Pará o componente curricular Estudos Amazônicos, com o objetivo de dar enfoque à história regional, atendendo a Lei 9.493, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e que, portanto, prevê para o currículo escolar uma base diversificada ao lado de uma base nacional comum.

Acompanhando a LDB, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também prevê o estabelecimento de uma base comum de ensino a todas às regiões do Brasil de um lado, e de outro, uma base diversificada. Esta parte diversificada, possibilita um complemento à base comum, que respeita e permite promover as características locais e regionais.

Entretanto, o componente curricular de Estudos Amazônicos, responsável por realizar esta parte diversificada do currículo, enfocando os aspectos regionais e locais, nem sempre compreendeu a Amazônia como uma região diversa, plural e heterogênea em seus aspectos físicos-geográficos e socioculturais. A Amazônia apresentada nas escolas da educação básica de Santarém, seguiu por muito tempo as narrativas eurocêntricas e com ênfase na história das grandes capitais Belém e Manaus.

Entendemos que é importante que a parte diversificada do currículo atente para temáticas que estejam mais próximas das vivências dos alunos, despreendida do viés eurocêntrico e descentralizada da história das capitais amazônicas, sem, contudo, desprezá-las.

Essa problemática de pesquisa foi levantada durante meu período de experiência em escolas de Santarém, como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e como estagiária nos componentes obrigatórios de Estágio Supervisionado, do curso de História. Neste período verifiquei que há uma escassez de material didático para o componente de Estudos Amazônicos, corroborando com a afirmação de Tiese Teixeira Júnior, para quem:

Há uma ausência de material didático - livro- para a disciplina regional de Estudos Amazônicos, na educação básica no estado do Pará. Cada professor /a dá enfoque sua área de formação à disciplina, por exemplo, o historiador trabalha conteúdos de História do Pará, e o Geógrafo trabalha questões ligadas à Geografia, o que parece torná-la na prática, uma área, também, disciplinar; Outra questão apontada é que cada professor/a precisa elaborar seu material de trabalho, pesquisando na internet ou fazendo uma “tradução” de textos acadêmicos, por exemplo, o que indica uma carga de trabalho a mais, para esses trabalhadores/a. Esse quadro inicial gera desafios em diferentes dimensões, para o processo de educação da região no seu conjunto. (Teixeira Junior, 2016, p. 20).

Durante meu período de inserção na escola como bolsista e estagiária, foi possível verificar também a inexistência, por grande parte dos alunos, da consciência histórica acerca de

aspectos regionais. Há uma ausência de identidade dos discentes em relação à Amazônia, ou seja, os alunos não se compreendem enquanto sujeitos amazônidas. O pouco de Amazônia que conhecem está situado distante da realidade deles.

Assim, o propósito desta pesquisa é buscar saber qual ou quais Amazônias estão sendo apresentadas aos alunos nas escolas de Educação Básica, na cidade de Santarém, localizada no Estado do Pará. No entanto, para os limites de tempo imposto para uma pesquisa realizada para conclusão de curso de graduação, ative-me à análise de uma única escola, isto é, um estudo de caso, que se ampara metodologicamente na história oral, com a realização de entrevista com a professora de Estudos Amazônicos da Escola e na análise de fontes escritas, tendo em vista que analisamos o material didático utilizado na escola, para o mencionado componente curricular. Este estudo de caso, pretende servir de amostra do que possivelmente pode ser identificado em várias outras escolas da cidade de Santarém.

## **2. A HISTÓRIA REGIONAL/LOCAL NOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

O ensino de história tem estado no centro de diversas discussões que procuram, através de pesquisas e experimentos, proporcionar melhorias para que este forme cidadãos que atuem de modo crítico e reflexivo na sociedade. Diversas metodologias surgiram para que a história ensinada na sala de aula da educação básica, tivesse e fizesse sentido.

Sabe-se que por muito tempo, os materiais didáticos e as aulas de história estavam muito atrelados ao campo da chamada História Geral e História do Brasil. Neste sentido os alunos tinham muito mais contato com eventos mundiais do que com eventos de seu cotidiano, fato este que dá à história um delinear de ciência que estuda o passado, para aprender com ele e não repetir os mesmos erros de determinado período estudado.

No entanto, a história é uma ciência do presente que também contribui para pensar o futuro. E para que esta concepção seja palpável na relação de ensino e aprendizagem, torna-se necessário adaptar na rotina do ensino de história a abordagem regional e local, pois sob esta metodologia, o professor de história terá bases para proporcionar aulas proveitosas que, utilizando o cotidiano local e regional do aluno, levará este a se enxergar como sujeito histórico em constante ação.

Inserir a história regional e local no cotidiano do ensino do professor de história é uma tarefa simples, mas não fácil. Dentre muitos percalços, está a carência de material didático de cunho regional no ambiente escolar, bem como os que existem e de fácil acesso via internet

serem de origem memorialista, podendo engessar o ensino aos modos da história vista de cima (BURKE, 1992), se não forem problematizados.

Carlos Henrique Farias de Barros (2012), em *Ensino de História, memória e história local*, defende que o ensino de história é mais relevante aos alunos, quando incorporado nele, metodologias que valorizem a memória e o cotidiano deles, especialmente através da história local. Para o autor, isto contribui para a criticidade dos alunos, para suas reflexões a respeito da realidade em que vivem, culminando em uma profunda compreensão da sua historicidade coletiva e de suas identidades.

Com base neste autor, entende-se por história local, uma abordagem da historiografia que se concentra em espaço delimitado em uma proporção específica como um município, um bairro, uma escola, por exemplo. E esta abordagem pretende compreender as complexidades, evoluções e desenvolvimento de determinado espaço limitado e sem deixar de lado sua importância para entender a história global.

Erinaldo Cavalcanti (2018), no artigo *História e história local: desafios, limites e possibilidades*, declara que é mais válido pensar em compreender a dimensão da história local, do que tentar defini-la e a limitar. Logo, isto simboliza considerar a história como construção complexa de poder, práticas e experiências locais, nacionais e globais.

Segundo Cavalcanti (2018), a história local não é um reflexo da história nacional ou global, é uma construção singular que envolve sujeitos locais, em atuações locais e em suas relações sociais. O autor defende que a inserção dessa abordagem no ensino de história é benéfica, pois possibilita uma visão mais ampla e abstrata da história.

Por outro lado, a História Regional se concentra em uma área mais ampla, como por exemplo a região amazônica ou o estado do Pará. Aqui pode servir de fonte, jornais, livros, artigos e quaisquer material que explique as experiências regionais. Logo, suas fontes podem ser primárias e secundárias, diferente da história local que se ocupa de fontes primárias.

Para Durval Muniz de Albuquerque (2008), na obra *O Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região*, o Brasil tem grande força na tradição de estudos regionais, muitas vezes concebendo região como dado prévio e naturalizado e que isto negligencia a historicidade e complexidade do conceito de região, que segundo ele, é resultado de operações administrativas, militares e fiscais. O autor trata das transformações que o conceito vivenciou desde a antiguidade, quando se referia a uma área comandada por uma força militar ou de um governante. Para ele, região é uma construção histórica e política, é um espaço de disputas entre diferentes forças sociais e políticas.

Durval Muniz (2008) advoga o afastamento da visão celebrativa e monumental da região, para que a história regional se apresente crítica e desconstrutiva. A história regional tem o papel de questionar as identidades atribuídas à região e suas estruturas, tornando o “eu” que se vê costumeiramente, como o outro, o estranho.

De acordo com Mateus Manfrin Bonavigo (2023), na obra textual *História Regional: análises historiográficas*, a história regional é composta por diversas áreas de pesquisa e para se obter compreensão da organização espacial, seria necessário ter noção e entendimento de um espaço menor, inserido no contexto do espaço maior. Isto é, abordagens regionais, dialogando com as locais, permitem uma melhor compreensão da historiografia com maior alcance, a global.

Deste modo, a história regional e local dentro da relação de ensino e aprendizagem, tem a incumbência de construir e reconstruir conhecimentos partindo da realidade espacial dos alunos e professores. Sendo assim, a história local e/ou regional será problematizada e questionada, a partir de fontes que estão tão naturalizadas no cotidiano dos alunos.

Assim, discentes e educadores serão convidados a tornarem estranho e objeto de pesquisa, certos costumes, nomenclatura de ruas, datas comemorativas, dentre outros, que até então estavam invisíveis de tão comuns e naturalizados em suas vidas cotidianas. Pois dentro dos compromissos da história regional, não está o de reafirmar narrativas memorialistas e identidades, estas, por vezes impostas por tais narrativas que buscam sempre contar a história dos “vencedores” da região.

No caso da região norte, por exemplo, tratar sobre a história da Amazônia na educação básica é contribuir para que as vontades políticas e capitalistas, não desfaçam aquilo que a história construiu (Bonavigo, 2023). Em outras palavras, a história local e regional aponta as fronteiras que existiam antes da invasão dos europeus na região, e mostra as que foram criadas por eles e a que custo e qual processo tal fato se deu.

No senso comum quando se fala em região, logo se liga o termo à geografia, já que de fato, esta ciência se ocupa em estudar as regiões, sejam elas do Brasil ou fora dele. No entanto, a história também se debruça a pesquisar as regiões, sob ótica diferente. Sabe-se que a história é um ramo científico preocupado com as ações humanas, logo, o historiador, diferente do geógrafo, irá delimitar uma região e um espaço de tempo para estudar o contexto dentro deste espaço, com base nas fontes dispostas para ele, sejam elas documentais, patrimoniais e orais, por exemplo. E este trabalho pode partir do presente para o passado ou vice-versa. A necessidade de ouvir as histórias locais e regionais atrela-se a segunda geração da escola dos

*Annales*, a partir de Braudel (1983) com a obra “O Mediterrâneo e o mundo do Mediterrâneo na época de Felipe II”, caracterizando tais estudos ao estruturalismo francês.

Ao tratar-se de uma determinada região em sala de aula, como no exemplo citado, a Amazônia, se perceberá, que embora, esteja se analisando um pedaço de um todo, este espaço é heterogêneo e que talvez a homogeneidade que possa aparecer é superficial e imposta por forças governamentais, econômicas e militares de algum período histórico. O Tratado de Tordesilhas, as fronteiras criadas por portugueses no vale do Amazonas, são claros exemplos de imposição forçada em detrimento das fronteiras que já existiam antes da chegada deles, estas criadas historicamente pelos povos originários que habitavam a região.

De acordo com Marcos Rogério Kreutz e Neli Galarce Machado (2018), na obra *Aprendizagens ativas: história regional e docentes da Educação Básica*, “a importância da História Regional está no sentido de permitir ao historiador uma aproximação maior com seu objeto de estudo”. Então, “a cultura local e regional passa a ter um novo sentido implicando ações para que se possam ser observadas pela Educação Formal.” (Kreutz; Machado, 2018. p. 361-362).

A parte diversificada da BNCC e estabelecida pela LDB, que auxilia os profissionais da educação na adequação de seus currículos e práticas à realidade de sua instituição de ensino e do local onde estão inseridos, é também um convite para as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que tornam obrigatório o ensino de história afrobrasileira e história indígena, serem cumpridas devolvendo o lugar de fala de negros e indígenas, nos manuais didáticos.

A partir dos referenciais teóricos citados no corpo deste texto, nota-se um ponto em comum entre eles, a defesa da introdução da história local e regional na relação de ensino e aprendizagem da rede de educação básica. Mas que esta inserção seja de modo crítico, não naturalizando região e local, mas problematizando seus interiores e estruturas dentro das fronteiras delimitadas, sejam estas concretas ou abstratas.

Assim, este estudo de caso, examina qual história predomina no conteúdo de Estudos Amazônicos, no ano de 2024, em uma escola pública da rede municipal de Santarém – PA, aliando aos resultados das análises escritas, os produtos das fontes orais, para aferir qual efeito a abordagem detectada nos materiais didáticos exercem sobre a consciência histórica da professora e alunos.

## 2.1 Os estudos amazônicos em uma escola pública de Santarém: estudo de caso.

Qual Amazônia ou quais Amazônias devem constar nas aulas de Estudos Amazônicos nas escolas de Educação Básica? Qual recorte temático e cronológico utilizar? Quais materiais didáticos contribuiriam para a formação dos discentes de modo a atender as necessidades de conhecimento da parte diversificada, de maneira a, realmente, inserir os estudantes em temáticas de estudos regionais e locais, que partam da realidade mais próxima, proporcionando uma aprendizagem significativa? Para obter respostas para esta problemática, este trabalho traz um estudo de caso efetuado em uma escola municipal de ensino fundamental, localizada em uma área central da cidade de Santarém, no estado do Pará.

A metodologia que consiste na investigação, análise e relato detalhado de um caso específico, geralmente único ou representativo, é o estudo de caso. Segundo Ludke e André (1989 p. 17) “o estudo de caso é um estudo de um caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA) ou do ensino noturno”.

Este modo de pesquisa serve para obter conhecimentos profundos e acurados sobre um determinado processo, evento, fenômeno ou situação. Marli André (1984), em “Estudo de caso: seu potencial em educação”, afirma que estes conhecimentos são únicos com valores próprios e singulares. O uso da metodologia do estudo de caso, permite ao pesquisador originar ou validar teorias, estimulando-o a pensar de forma crítica e reflexiva, desde a coleta de dados, até a análise e interpretação deles.

Ainda de acordo com André (1984), o estudo de caso possui uma metodologia eclética, como gravações, fotografias, entrevistas, documentos, dentre outros. Para este estudo de caso, é interessante dois tipos de fontes, a oral e a documental. Segundo a autora, o estudo de caso busca uma descoberta através de variadas informações. Assim, a partir das vivências de estágios obrigatórios e como *pibidiana*, surgiu o interesse em discutir sobre como a Amazônia é representada dentro do ensino de Estudos Amazônicos. Interesse surgido ao observar a improvisação da professora, mediante a ausência de material didático voltado para o componente citado.

Com base em *Manual da história Oral*, de Verena Alberti (2013), a partir do objeto escolhido, foi feita uma sondagem para selecionar a escola e a pessoa a ser entrevistada. Uma conversa inicial foi realizada apresentando as aspirações da pesquisa e após a concordância da docente, foi-lhe cedido um questionário semiestruturado para ela responder.

Para compreender qual representação da Amazônia está presente nos materiais didáticos, como contribuem na construção de consciência histórica local e na formulação da identidade, a história oral é uma ferramenta de grande valor. Como declara Portelli (1997), fontes orais dentro do contexto da história oral, são impulsionadas a se movimentar e falarem por si mesmas.

De acordo com Marieta Ferreira (2002), em “História, tempo presente e história oral”, expõe-se que dentre os desafios do uso da fonte oral em um trabalho de pesquisa, insere-se a subjetividade, distorções dos depoimentos e falta de veracidade, mas, que estes não podem ser encarados como algo desqualificado e sim como fonte adicional à pesquisa.

Neste trabalho, a fonte oral representada pela professora de história e estudos amazônicos, será de grande valor já que ela faz parte do contexto do objeto do estudo de caso. Sua contribuição trará informações preciosas e que delinearão as concepções sobre a história regional e local da professora, bem como a influência dos manuais didáticos no ensino de história. Os livros didáticos e textos de apoio são, para este trabalho, fontes documentais que nortearão também a percepção da história da Amazônia que está sendo construída na relação de ensino e aprendizagem, mostrando qual recorte temporal e quais vozes estão ativas nos materiais analisados.

Para isto, o estudo de caso fora aplicado em um ambiente formal de ensino (Jacobucci, 2008), em uma escola da rede municipal de Santarém - Pará, localizada na área urbana e central da cidade. A escola contribui pouco mais de cinco décadas para a educação infantil e fundamental I e II, funcionando em dois períodos de turnos, a saber, matutino e vespertino, partindo do Pré - II ao 9º ano. Pela manhã, a escola oferta o ensino infantil e fundamental I, ficando o turno vespertino responsável pelo fundamental II. A instituição possui uma estrutura relativamente estável, com espaço para atendimento aos alunos atípicos, como sala, banheiro e calçadas, adaptadas. São 9 salas de aulas, das quais 3 são climatizadas e as demais possuem ventiladores de parede.

A escola possui uma quadra de esportes recém reformada, sala de professores, de informática, da secretaria e diretoria. A merenda escolar é feita em uma área coberta. Existem plantios de hortaliças e diversas plantas, devido ao empenho de alunos e professores por intermédio de projetos em prol do meio ambiente. Há também um parquinho, recém-construído para uso das crianças do Pré II e séries iniciais do fundamental I.

A docente participante desta pesquisa, é historiadora e professora do ensino básico pouco mais de 30 anos e 15 atuando na escola campo. Já atuou na esfera estadual, mas nos dias que correm, prefere atuar somente no Município. No ano de 2024, ao retornar à escola para

aplicar esta pesquisa, a docente dispunha de uma coleção de livros de Estudos Amazônicos, do 6º ao 9º ano, ao lado de pacotes adicionais (Bittencourt, 2008), estes, utilizados com grande frequência pela professora.

O questionário semiestruturado e o modelo TCLE (anexo), que possibilitou a realização da pesquisa, foi composto por 7 perguntas direcionadas a professora. As 3 primeiras perguntas indagam a formação da professora, qual instituição ela fez a graduação, quantos anos trabalha na educação básica e quantos anos está na escola pesquisada. As perguntas feitas, servem tanto para que se conheça a profissional, bem como, para que se entenda o agir docente dela. Com isto, segue-se as informações colhidas durante a imersão neste trabalho de campo, tanto das respostas dadas pela profissional ao questionário semiestruturado, quanto ao que foi encontrado nos materiais didáticos fornecidos por ela:

Figura 1. Questionário feito à professora.

<p>Universidade Federal do Oeste do Pará</p> <p>Instituto de Ciências da Educação</p> <p>Licenciatura Plena em História</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso</p> <p>Tema: A História da Amazônia no contexto escolar: O que nos contam os conteúdos?</p> <p>Discente: Ingrid Maiele Silva Duarte</p> <p>Orientadora: PROFA. Dra. Lademe Correia de Sousa</p> <p>Estudo de Caso: História da Amazônia na Educação Básica: o que nos contam os conteúdos?</p> <p>No 5º semestre do curso de Licenciatura em História, iniciou-se os estágios obrigatórios, ocasião esta que emergiu a pretensão de trazer para o trabalho de conclusão de curso, a problematização a respeito da representação da Amazônia na educação básica, através da disciplina Estudos Amazônicos. Este trabalho, compromete-se, através de investigação em fontes documentais e história oral, debater como a História da Amazônia aparece no componente curricular citado, quais desafios a professora encontra ao ter de levar para sala de aula o conteúdo e quais ferramentas o município, através da secretaria municipal de educação, disponibiliza para a aplicação deste conhecimento.</p> <p>A seguir, algumas perguntas direcionada a professora de história e Estudos Amazônicos, a qual acompanhei no período de novembro a dezembro de 2022, no exercício do estágio de observação em História .</p> <p>1 - Qual sua formação? E por qual IES a fez?</p> <p>2 - Quantos anos trabalha na educação básica?</p> <p>3 - Quanto tempo trabalha na escola Hilda Mota?</p> <p>4 - Qual seu parecer sobre a disciplina Estudos Amazônicos?</p> <p>5 - Sobre a História da Amazônia na educação básica, qual a importância dela?</p> <p>6 - O município fornece material didático deste componente curricular?</p> <p>7 - Se a resposta a pergunta anterior for negativa, quais métodos são utilizados para cumprir com a disciplina Estudos Amazônicos?</p>
---

Fonte: Autoria própria, 2025.

De acordo com as respostas da docente, ela formou-se pela Universidade Vale do Acaraú – UVA em História do Brasil. A docente está exercendo o seu ofício a 30 anos e por 15

anos está lotada no quadro de professores da escola em destaque. Estas informações são fundamentais para também avaliar as formações superiores no curso de história, analisando que mudanças ocorreram e quais ênfases se prezava, no período da formação da professora, no que se aproxima e se difere atualmente.

Ao buscar investigar maiores informações sobre a citada instituição e o PPC do curso, nenhuma informação foi encontrada tanto presencial quanto virtualmente, pois a Universidade encerrou suas atividades no município de Santarém, pouco mais de dez anos. Mas, levando em consideração o tempo em que a professora atua na educação básica, aliado às observações de estágio de como ela concebia a Amazônia, na maioria das vezes, enfatizando discussões geográficas, nasce a hipótese de que a historiografia regional contida no curso, abrangia bem mais conteúdos físicos e naturais sobre a região amazônica.

Deste modo, pode-se pensar, partindo da própria experiência acadêmica em analogia com a da professora entrevistada, que a narrativa regional e local heterogênea é recente nos currículos de formação superior em História em Santarém - PA. Pensa-se também, que o diálogo entre estagiários e professores da educação básica, os incitam a buscarem aprimoramento do conhecimento regional e local e de suas didáticas e metodologias para um ensino reflexivo, fato que corrobora a máxima de que é na escola que se constrói o professor.

A resposta para a pergunta 4 “Qual a importância da disciplina Estudos Amazônicos na educação básica Santarena?”, foi a seguinte:

“É fazer com que os alunos entendam a realidade da região, a vida, a cultura desse povo e os ciclos ocorridos na região. Mostrar para os alunos que é necessário a exploração sustentável dos recursos hídricos, minerais, flora e fauna para que a vida não pereça.” (Professora, 2024)

Com base nesta resposta, percebe-se que a consciência histórica (CERRI,2007) a respeito da região amazônica, não possui um caráter de grande afinidade e identidade, quando ao tratar da parte social, ela utiliza um pronome demonstrativo na segunda pessoa “esse povo”, não se incluindo nele. Nota-se também que a relevância dada ao tema, liga-se em predominância, aos atributos físicos e naturais da região, logo, pode-se apontar que em sua formação e durante sua jornada educadora, os conhecimentos sobre Amazônia estão muito ligados à Geografia.

Ao questionamento 5 “Qual a relevância da História da Amazônia dentro da construção do ensino de história?” a resposta foi a seguinte:

Contar a história da população amazônica como, os ribeirinhos e os indígenas, as mudanças ocorridas no meio ambiente, a vida política, religiosa e social desse povo. (Professora, 2024)

Nota-se nesta resposta, um desejo de realmente aplicar história local e regional em suas metodologias de ensino, embora a Secretaria da Educação Municipal, não ofereça o suporte didático para isto. É neste contexto que se observa a resiliência da professora, que diante desta ausência de material didático, recorrer a outros meios para adquiri-los e utilizá-los em suas aulas.

“O município fornece material didático de Estudos Amazônicos?” para esta sexta pergunta, a docente respondeu que não há nenhum tipo de suporte de material didático ou indicação do que utilizar. Para a sétima indagação: “Se a resposta para a pergunta anterior for negativa, quais meios são utilizados para obter material didático, visando cumprir com a disciplina Estudos Amazônicos?”, a resposta da educadora foi

“A Semed nos fornece o plano curricular, o material didático, nós compramos e tiramos xérox e fazemos trocas de material com colegas, mas tudo dentro da BNCC. Também pesquisamos em livros e blogs de historiadores locais e trocando informações com outros professores.” (Professora, 2024)

Nota-se, a partir destas respostas, que o problema de ausência de material didático de Estudos Amazônicos é estrutural. Aparentemente não há um empenho da secretaria municipal de educação em fornecer livros que supram as demandas do ensino de Estudos Amazônicos, levando, a maioria das vezes, que a professora compre com seu próprio dinheiro o material ou os formulando para que os alunos o adquiram também através de compra.

### 2.1.1 Análises dos materiais didáticos e plano curricular.

A afirmação sobre a carência de material didático para dar suporte à disciplina, parece ser comum entre todos os cenários pesquisados pelos referenciais bibliográficos analisados por este estudo de caso, como em Teixeira Júnior (2016). Se a disciplina Estudos Amazônicos foi concebida ainda no final do século XX, porque, já na segunda década do século XXI, os professores apresentam a mesma queixa?

O livro didático é um elemento de grande essencialidade nas relações de ensino e aprendizagem, ele é o norteador dos caminhos a serem seguidos para a construção da aula do professor e do conhecimento dos alunos. Mas o que é exatamente o livro didático? Qualquer literatura pode ser considerada livro didático, se usada no ambiente escolar?

Itamar Freitas (2009) em *Livros didáticos de História: escolhas e utilizações*, abordou as definições e indicações de uso do livro didático de história. Em suas argumentações, Freitas expressa que

Os especialistas na temática sobre o que é livro didático, divergem a respeito da definição deste. E é com base nessas diferenças que se pode construir uma definição operacional do livro didático, definição esta que se baseia nos conceitos de texto, impresso e leitura (Freitas, 2009. P. 13).

Logo, a definição do que é livro didático mostra-se complexa, a começar pela própria história do objeto, uma vez que ele se situa na interseção entre três gêneros da literatura escolar relacionado ao processo educativo, a saber: a literatura religiosa, a literatura didática/técnica e a literatura de lazer.

Freitas (2009), classifica o livro didático como artefato privilegiado da disciplina, pois veicula seus principais constituintes que são os conteúdos as finalidades e os exercícios. Como obra voltada ao aluno e ao professor, o livro didático, tem, segundo o autor, no mínimo seis funções: reproduzir ideologia, difundir currículo oficial, condensar princípios e fatos das ciências, guiar o processo de ensino, guiar o processo de aprendizagem e possibilitar a formação continuada.

Para estabelecer uma definição, a partir das diversas narrativas em torno do que é livro didático, o autor diz que:

O livro didático é, portanto, um artefato impresso em papel, que veicula imagens e textos em formato linear e sequencial, planejado, organizado e produzido especificamente para uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores, e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar (Freitas, 2009, p. 14).

Assim, para este autor, qualquer outra obra textual que não tenha em sua produção a finalidade didática, não pode ser considerado livro didático, são leituras de apoio emprestadas ao ambiente do ensino.

Ainda de acordo com Itamar Freitas, o livro didático perfeito só existe no imaginário do professor e, neste ponto, há concordância com autores como Circe Bittencourt (2008), Jean Moreno (2014) e Kazumi Munakata (2016).

Bittencourt (2008) concebe o livro didático como uma mercadoria mediada pelo capitalismo e é também instrumento de trabalho do professor e do aluno. Ela distingue o material didático em duas dimensões, como suporte informativo e documentos com intenções didáticas.

Para Bittencourt (2008), os chamados “pacotes adicionais” são meios de desqualificação para o professor. Já Moreno (2014), que também entende o livro didático como uma mercadoria, interpreta a questão dos pacotes adicionais como meios que auxiliam o professor, naquilo em que o livro é carente.

Assim, como no caso santareno, o acesso a pacotes adicionais que dão suporte ao ensino de Estudos Amazônicos, são bem recorrentes. O que nos interessa saber é se estes acessos se adequam a ideia de desqualificação do professor, como defende Bittencourt (2008) ou no que diz Moreno (2014), que estes, na verdade, ajudam o professor na mediação do ensino.

Como não há livro perfeito, existem mecanismos para escolher o que melhor se apresenta para o ensino. Bittencourt (2008) destaca que para análise de um livro, o caminho seguro é: observar os aspectos formais, os conhecimentos históricos e os conteúdos pedagógicos. Moreno (2014) indica observar as dimensões do livro didático, a participação do Estado, a opinião pública, a autoria professor/sistemas públicos, expresso na forma e conteúdo do livro.

Munakata (2012, p. 185) sugere que o livro didático é uma mercadoria destinada a um mercado específico, a escola. Para ele, a existência do livro didático só se justifica na e pela escola. Logo, a escolha do manual didático precisa atender as demandas educacionais que a instituição de ensino possui.

Dessa forma o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, tem desde 1997, abraçado a análise de manuais didáticos de áreas do conhecimento como História e Geografia, Português, Matemática, dentre outros. A década de 1990 é marcada pelas projeções de mecanismos de avaliação dos livros didáticos, visando garantir a qualidade dos manuais.

Este estudo de caso traz, neste momento, análise efetuada nos materiais didáticos do componente Estudos Amazônicos disponibilizados pela professora. A análise se ancora nos apontamentos feitos por Bittencourt (2008) e Moreno (2014), que possibilitam uma criteriosa arguição dos manuais obtidos.

Vale ressaltar que os livros são integrados, ou seja, história e geografia. O exame realizado nos manuais didáticos, se deterá apenas na parte de história. Pois o interesse é saber como a historiografia amazônica é trabalhada nesses documentos. A apostila utilizada pela professora, também será problematizada aqui.

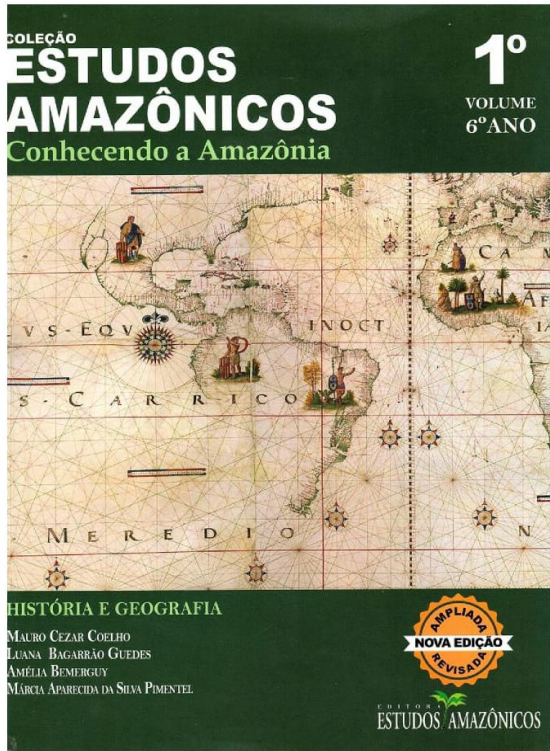
A coleção é voltada para o ensino fundamental II, os livros vão do 6º ao 9º ano e foram adquiridos, pela professora, via PDF, enviados por um colega da mesma área de formação e atuação da docente. Já a apostila, foi impressa de um site não referenciado.

A coleção *Estudos Amazônicos* foi elaborada no ano de 2020, atualizada e publicada em segunda edição em 2021, pela Editora Estudos Amazônicos (Belém-PA). São quatro livros, que vai do sexto ao nono ano, produzidos pelos historiadores Amélia Bemerguy, Mauro César Coelho, Luana Bagarrão Guedes e a geógrafa Marcia Aparecida da Silva Pimentel. De maneira geral coleção apresenta, em seus capítulos, a seguinte estrutura:

- Cabeça de unidade;
- Tópicos de unidade;
- Glossário;
- Texto complementar;
- Leia Também;
- Explorando conhecimento;
- De olho na informação;
- Explorando conhecimento;
- Ampliando conhecimento;
- Saiba mais;
- Para assistir na internet;
- Atividades;
- Exercícios;
- Sugestão de leitura.

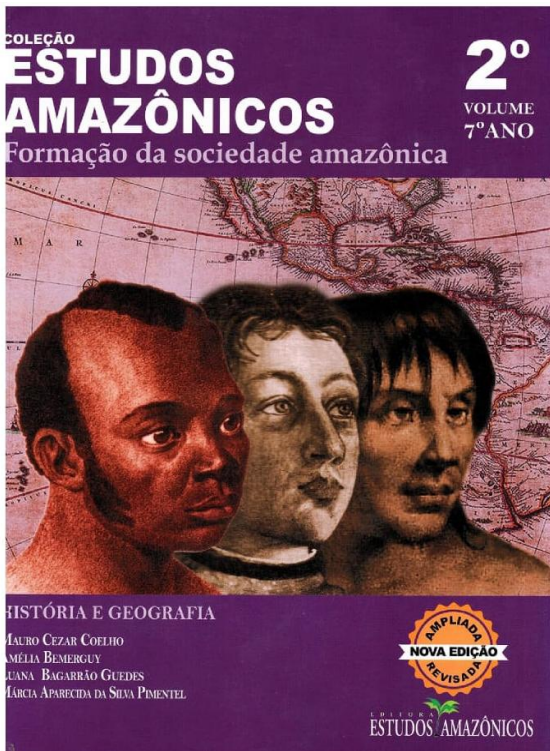
A seguir a representação imagética das obras:

Figura 2. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 1º volume 6º ano.



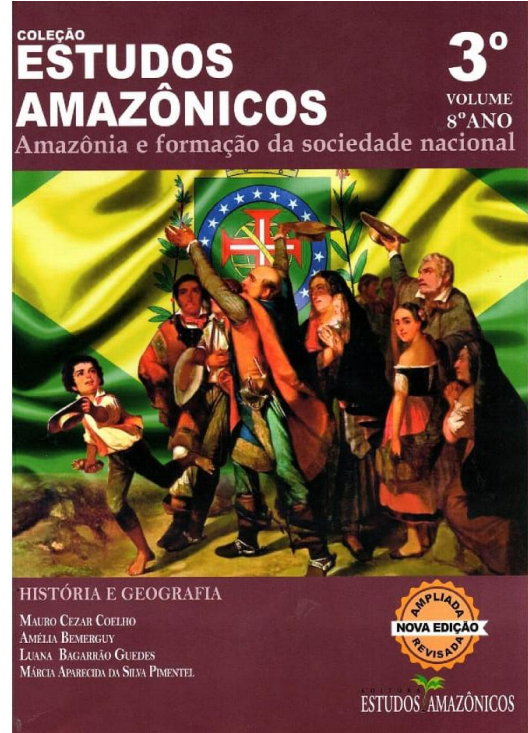
Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

Figura 3. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 2º volume 7º ano.



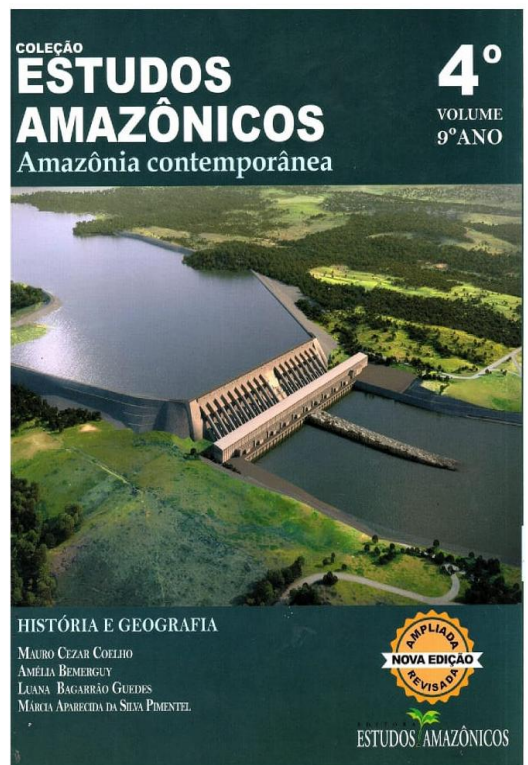
Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

Figura 4. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 3º volume 8º ano.



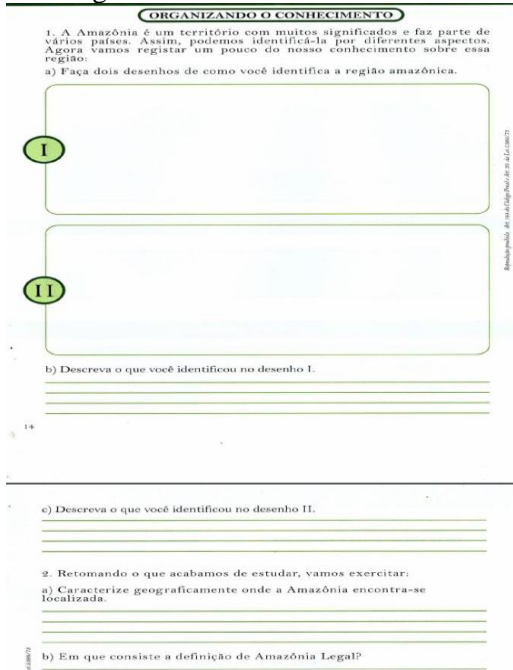
Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

Figura 5. Capa do livro Coleção Estudos Amazônicos 4º volume 9º ano.



Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

Figura 6. (Livro: 6º ano) Lista de Atividades: Organizando os Conhecimentos.



Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

Figura 7. (Livro: 8º ano) Unidade I: O fim de Período Colonial Brasileiro.



Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

Figura 8. (Livro: 8º ano) Lista de Atividades: Organizando os Conhecimentos.



Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

Figura 9. (Livro: 9º ano) Capítulo 10: A Amazônia em tempos de redemocratização.



Fonte: Bemerguy; Guedes; Pimentel, 2020.

As capas dos exemplares, conotam a regionalidade da historiografia deles. As cores verdes, lembram a floresta, o lilás e roxo, remetem ao açaí. Elementos característicos da região

amazônica. Não ficam de fora das capas, a presença humana, seja por personagens ou ações desses sujeitos. As unidades apresentam as ideias centrais, em diálogo com imagens que fornecem força ao contexto. As atividades são pensadas no sentido de fazer os alunos refletirem para responder, pois precisam vez ou outra, analisar imagens e textos para formular argumentos.

Os capítulos também são recheados de imagens coloridas, grandes, box explicativos, que auxiliam para um melhor entendimento do conteúdo.

O livro do 6º ano aborda uma antiguidade amazônica com imagens de escrita rupestre do município de Monte Alegre, artefatos de outros municípios de diferentes lugares amazônicos, visando mostrar que houve habitantes aqui, milhares de anos antes da chegada dos europeus.

Neste manual, tanto esse passado amazônico é discutido, como o protagonismo dos povos originários em suas organizações e relações sociais, antes e depois da chegada europeia na região. Para discutir esta temática, o livro do sexto ano está assim estruturado:

Quadro 1. Estrutura do Livro do 6º ano

<b>UNIDADE I</b> A Diversidade Do Mundo Amazônico	<b>UNIDADE II</b> As Primeiras Sociedades na Amazônia	<b>UNIDADE III</b> Europeus Na Amazônia
<b>CAPÍTULO I:</b> Amazônia: um território com muitos significados.	<b>CAPÍTULO VI:</b> Populações indígenas anteriores à Conquista	<b>CAPÍTULO XI:</b> Expansão europeia na Amazônia
<b>CAPÍTULO II:</b> Na Amazônia, um passado comum	<b>CAPÍTULO VII:</b> Diferentes povos indígenas, diferentes línguas	<b>CAPÍTULO XII:</b> Das Amazonas aos monstros: as primeiras narrativas europeias sobre a Amazônia
<b>CAPÍTULO III:</b> Uma história milenar na Amazônia: a produção dos alimentos	<b>CAPÍTULO VIII:</b> Povoamento da Amazônia: um estudo em construção	<b>CAPÍTULO XIII:</b> União Ibérica e expansão portuguesa na Amazônia
<b>CAPÍTULO IV:</b> A diversidade amazônica: uma construção social	<b>CAPÍTULO IX:</b> Sociedades indígenas na Amazônia, novos saberes	<b>CAPÍTULO XIV:</b> Capitanias, vilas e sesmarias na Amazônia
<b>CAPÍTULO V:</b> Sociedade diversa produz cultura diversa: o caso do Bumba meu boi	<b>CAPÍTULO X:</b> Várzeas e terra firme: natureza e povoamento na Amazônia	<b>CAPÍTULO XV:</b> Disputas pela posse da Amazônia: a fundação da cidade de Santa Maria de Belém do Grão - Pará

ATIVIDADES	ATIVIDADES	ATIVIDADES
------------	------------	------------

Fonte: Aatoria Própria, 2025.

Com base nos títulos das unidades e capítulos, dispostos na tabela, nota-se não apenas uma ruptura com o eurocentrismo, mas também a presença da historiografia recente.

As duas primeiras unidades com dez capítulos discutindo a região do vale do Amazonas, corresponde ao que Burke (1992) denomina de história vista de baixo, ou seja, o protagonismo aqui não está atrelado a figura europeia, que dentro da narrativa eurocêntrica, é a representação do heroísmo e estabelecimento da civilização por onde passaram.

A história contada, difere do que se contou por muitos anos, os indígenas nunca foram passíveis, domináveis e domesticáveis. Resistiram com diversas estratégias, como luta, fuga, negociação, domesticação de produtos do homens brancos (Howard,2002), foram e continuam sendo as grandes muralhas (Farage,1991) das fronteiras brasileiras, sejam elas físicas ou sociais.

O conteúdo do livro aborda os vestígios arqueológicos que apontam habitação da região há pelo menos 12 mil anos e enfatiza o século XVI, onde ocorre o choque cultural entre europeu e indígenas, na região amazônica.

As habilidades da BNCC predominantes nesse manuscrito são: EF06HI01<sup>1</sup>, EF06HI05<sup>2</sup> e EF06HI14<sup>3</sup>.

O livro do 7º está assim organizado:

Quadro 2. Estrutura do livro do 7º ano.

<b>UNIDADE I:</b> EXTRATIVISMO E AGRICULTURA NA AMAZÔNIA COLONIAL	<b>UNIDADE II:</b> A DIVERSIDADE DO MUNDO AMAZÔNICO	<b>UNIDADE III:</b> CONFLITOS NO PERÍODO COLONIAL AMAZÔNICO
<b>CAPÍTULO 1:</b> Para que serviam as colônias?	<b>CAPÍTULO 5:</b> Nobres, degredados, militares e açorianos: portugueses na Amazônia	<b>CAPÍTULO 9:</b> Quem não dependia do trabalho indígena na Amazônia colonial?
<b>CAPÍTULO 2:</b> Para administrar a Amazônia: um novo Estado	<b>CAPÍTULO 6:</b> Capuchos, Carmelitas, Mercedários e Jesuítas: as ordens religiosas na Amazônia	<b>CAPÍTULO 10:</b> O Regimento das missões

<sup>1</sup> Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos. (continuidades e rupturas)

<sup>2</sup> Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas.

<sup>3</sup> Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaço.

<b>CAPÍTULO 3:</b> Extrativismo na Amazônia	<b>CAPÍTULO 7:</b> As populações indígenas e a ocupação portuguesa na Amazônia	<b>CAPÍTULO 11:</b> O Diretório dos Índios
<b>CAPÍTULO 4:</b> Agricultura na Amazônia	<b>CAPÍTULO 8:</b> Bantos, Minas e Iorubás: Africanos na Amazônia	
<b>ATIVIDADES</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>ATIVIDADES</b>

Fonte: Autoria própria, 2025.

Este manual didático traz a configuração da região amazônica após Portugal concentrar esforços para ocupar o local, a partir do século XVII. Este período da história amazônica é narrado através da relação de produção e forças produtivas.

Como apontado na tabela, diferentes categorias de pessoas estavam na região, desde militar a religiosos, todos servindo aos interesses da Coroa e os seus próprios. No meio deles estavam os indígenas, cobiçados pelos colonos, para, principalmente, mão de obra. E desses conflitos, surge o diretório indígena e intensificação do tráfico de negros da África, de lugares como Gana, Congo e Costa da Guiné, para a Amazônia, entrando na região pelo porto do Maranhão.

Nesse manual, as habilidades da BNCC predominantes são: EF07HI01<sup>4</sup>, EF07HI09<sup>5</sup>, EF07HI14<sup>6</sup> e EF07HI16<sup>7</sup>.

A estrutura do debate do material didático do 8º, está desse modo:

Quadro 3. Estrutura do livro do 8º ano.

<b>UNIDADE I:</b> O FIM DO PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO	<b>UNIDADE II:</b> A CABANAGEM: REVOLTA POPULAR NA AMAZÔNIA	<b>UNIDADE III:</b> AFRICANOS E AFRODESCENDENTES NA AMAZÔNIA	<b>UNIDADE IV:</b> AS SOCIEDADES DA BORRACHA
<b>CAPÍTULO 1:</b> O processo de Independência no estado do Grão-Pará	<b>CAPÍTULO 4:</b> O movimento cabano	<b>CAPÍTULO 7:</b> Africanos na Amazônia?	<b>CAPÍTULO 12:</b> Os usos da borracha na Amazônia

<sup>4</sup> Explicar o significado de "modernidade" e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

<sup>5</sup> Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.

<sup>6</sup> Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente.

<sup>7</sup> Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os diferentes agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.

<b>CAPÍTULO 2:</b> Brasileiros e portugueses; conflitos de afirmação	<b>CAPÍTULO 5:</b> Os governos cabanos	<b>CAPÍTULO 8:</b> O tráfico de escravos para a Amazônia	<b>CAPÍTULO 13:</b> Os usos da borracha na indústria
<b>CAPÍTULO 3:</b> A Revolução do Porto e adesão tardia do Grão-Pará à Independência	<b>CAPÍTULO 6:</b> A pacificação da Província	<b>CAPÍTULO 9:</b> Escravos e suas ocupações	<b>CAPÍTULO 14:</b> A economia da borracha
		<b>CAPÍTULO 10:</b> Resistência escrava na Amazônia	<b>CAPÍTULO 15:</b> Diversidade social na economia da borracha
		<b>CAPÍTULO 11:</b> Abolição da escravidão no Pará	<b>CAPÍTULO 16:</b> A crise da economia gomífera
<b>ATIVIDADES</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>ATIVIDADES</b>

Fonte: Autoria própria, 2025.

A abordagem regional deste volume, concentra-se no século XIX. Período de grandes transformações nas estruturas sociais brasileiras, sobretudo, na Amazônia. A transição do período colonial, para o imperial, até o auge da primeira fase da economia borracheira, são tratados, principalmente, enfatizando as vozes amazônicas que expressam resistência negra e indígena e de demais sujeitos excluídos.

Ressalta-se também a questão da modernidade, amparada no ideal capitalista, que reverberou as desigualdades sociais na Amazônia, dentro da chamada *Belle époque*. Gois (2022) e Dias (2007), descrevem os espaços urbanos desiguais, resultantes dessa inserção de modernidade na região.

Aqui, as habilidades da BNCC enfatizadas são: EF08HI05, EF08HI06, EF08HI08, EF08HI11 e EF08HI27.

O último livro didático da coleção, é do 9º ano, que está assim estruturado:

Quadro 4. Estrutura do livro do 9º ano.

<b>UNIDADE I:</b> O PERÍODO REPUBLICANO BRASILEIRO NA AMAZÔNIA	<b>UNIDADE II:</b> A AMAZÔNIA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	<b>UNIDADE III:</b> A AMAZÔNIA DURANTE O REGIME MILITAR BRASILEIRO
---	--	---

<b>CAPÍTULO 1:</b> Movimento Republicano na Amazônia	<b>CAPÍTULO 5:</b> A Amazônia na Segunda Guerra Mundial: borracha para os países aliados	<b>CAPÍTULO 8:</b> Políticas de ocupação da Amazônia nos anos da Ditadura Militar
<b>CAPÍTULO 2:</b> As primeiras décadas da República no Brasil e na Amazônia	<b>CAPÍTULO 6:</b> A Batalha dos Soldados da Borracha na Amazônia	<b>CAPÍTULO 9:</b> Discurso centralista e o discurso regional: duas visões sobre o desenvolvimento da Amazônia
<b>CAPÍTULO 3:</b> O Brasil de Getúlio Vargas, o Pará de Magalhães Barata	<b>CAPÍTULO 7:</b> A Valorização da Amazônia: políticas de ocupação no Estado Novo	<b>CAPÍTULO 10:</b> A Amazônia em tempos de redemocratização
<b>CAPÍTULO 4:</b> A política de ocupação da Amazônia adotada por Vargas		
<b>ATIVIDADES</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>ATIVIDADES</b>

Fonte: A autoria própria, 2025.

A historiografia presente neste manual didático, problematiza os planos desenvolvimentistas pensados para *integrar a Amazônia*, no início do século XX, precisamente após o golpe de 1930 e consequente ascensão de Getúlio Vargas ao poder do governo brasileiro, passando por Juscelino Kubistchek, até o período militar e redemocratização.

São contextualizados projetos como, colônias agrícolas, produção de borracha para os Aliados na Segunda Guerra Mundial, a construção de rodovias, hidrelétricas e ferrovia.

O material também aborda o posicionamento de amazônidas, ou que aderiram a certos planos para buscar melhorias de vida, para resistir diante das ameaças de grileiros, latifundiários, dentre outros, ou ainda dos que resistiram como na Guerrilha do Araguaia.

Nesse manual, as habilidades trabalhadas, são dentre outras: EF09HI01<sup>8</sup>, EF09HI02<sup>9</sup>, EF09HI05<sup>10</sup> e EF09HI36<sup>11</sup>.

A apostila da professora, tinha seu conteúdo copiado no quadro branco. Veremos que história esse material carrega:

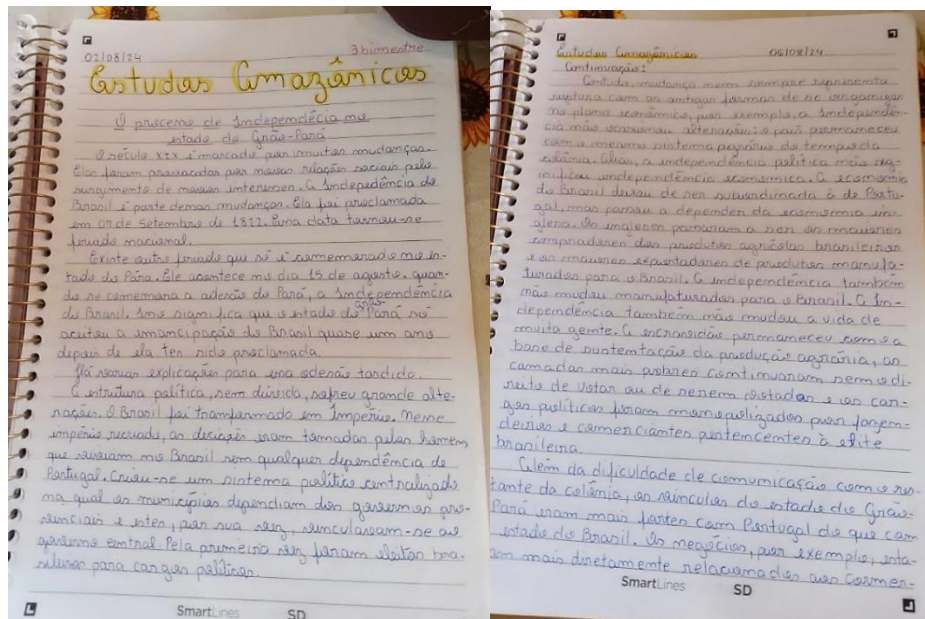
<sup>8</sup> Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

<sup>9</sup> Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

<sup>10</sup> Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

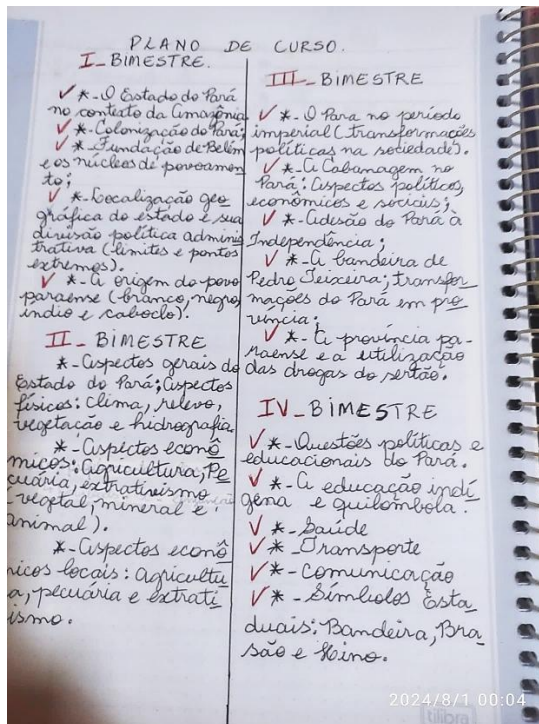
<sup>11</sup> Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

Figura 10. Texto utilizado pela professora



Fonte: Professora, 2024.

Figura 11. Plano de Curso



Fonte: Professora, 2024.

Este material de apoio, expresso em letras manuscritas, apontam para uma abordagem regional. Diferente da coleção analisada, este texto, baixado na internet e transcrito no quadro branco, é mais superficial, um pouco menos ligado as narrativas micro – históricas. Diante disto, tanto a coleção da editora Estudos Amazônicos, quanto o texto de apoio, acordam com o

currículo estabelecido pela Secretaria Municipal de Santarém, ressaltando que a coleção de livros possibilita maiores oportunidades de se construir um ensino desconstruído, formador de cidadãos críticos, reflexivos e com identidade regional e local fortalecidas. Mostra-se também que a escolha desses materiais didáticos, feita pela docente, sugere um olhar crítico e comprometido em valorizar a história regional e local em suas aulas.

Os livros didáticos, analisados sob as bases ofertadas por Bittencourt (2008) e Moreno (2014), enquadram-se como bons livros. Como mercadoria, a coleção apresenta todos os aspectos instigantes para sua compra. A estética e a boa diagramação da coleção sustentam esta ideia. Como suporte para o ensino de história da Amazônia, a coletânea possibilita um ensino desconstruído, que abarca diversas narrativas regionais e locais. Assim, a Amazônia é apresentada com sua diversidade e heterogeneidade em comunicação com a historiografia nacional e global.

Ainda que o material didático seja mais resumido, pode ser porta para um ensino reflexivo, uma vez que a ação docente pode utilizar justamente das ausências deste para proporcionar um ambiente de questionamento e reflexões.

Por outro lado, sabendo que os conteúdos são resultados de escolhas, percebe-se que o material didático pretendeu realçar discursos regionais, sem esquadrihar a historiografia local, o que faz com que a professora precise buscar, a partir do próprio material didático, outros materiais de apoio que auxiliem na aplicação da história local em suas aulas, visando problematizar o Baixo Amazonas, por exemplo.

A região amazônica é gigante em extensão, riqueza, diversidade e diferenças. Decifrá-la ou defini-la é uma tarefa extremamente difícil, escolher quais recortes usar em materiais que dão suporte ao ensino também é uma árdua tarefa, uma vez que a intenção dos autores pode não aparecer na interpretação dos leitores, da forma almejada. A Amazônia não é um lugar homogêneo, um vazio historiográfico e pouco habitado, desconstruir esta ideia, precisa ser o objetivo dos pesquisadores, professores e manuais didáticos.

Portanto, ainda que não exista livro didático perfeito, como defende Itamar Freitas (2009) e Bittencourt (2012), a partir das ausências e imperfeições, é possível ao professor, trabalhar e tratar este fato como objeto de estudo na sala de aula. Afinal, uma boa aula se pauta em um bom manuseio do material didático também.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Moreno (2014) aponta que dentro das dimensões do livro didático, estão o Estado, a opinião pública, a autoria, o professor e o sistema público. Logo o trajeto entre a elaboração de um livro até seu consumidor final, é um conflituoso jogo de interesses.

Nem sempre o livro sabatinado e aprovado pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) possibilita um ensino de qualidade, pois muitas vezes ‘o novo já nasce velho’ (Lima, 2021). Isto é, podem existir diversos manuais que só reproduzem narrativas excludentes, mas de forma sutil.

A coleção analisada, vai na contramão disto, pois se ocupa em respeitar o lugar de fala, principalmente, das categorias silenciadas durante séculos por narrativas eurocêntricas. O texto de apoio e o currículo, ainda que timidamente parecem caminhar para um aprimoramento em abordagem histórica local e regional.

A presença desse material na escola, também aponta para mudanças nas práticas docente da professora, que ao vivenciar as recentes pesquisas, por meio das práticas de estágio, percebeu suas ausências e fragilidades e buscou soluções.

Quanto a ausência de livros, sabemos que não é uma questão de vazio historiográfico, mas de burocracia política. A história é nociva as elites e um ensino histórico desconstruído, desperta sujeitos críticos e reflexivos. A exemplo, cita-se a recente vitória de indígenas e professores do estado do Pará, contra o governo Hélder Barbalho, ao conseguirem a revogação da Lei nº 10.820, que ameaçava o ensino presencial em comunidades indígenas. E mais uma vez, a história mostra que a região amazônica, é habitada por sujeito que por séculos vem resistindo sob diversas estratégias e que a educação sempre será a mais eficaz revolução.

Logo, compreendemos o quanto a inserção da história regional e local na educação básica, sobretudo, em escolas da região amazônica, contribui para a construção de cidadãos críticos reflexivos, que se veem sujeitos amazônidas e dentro dela atuam de modo sábio.

Entende-se também que a participação dos materiais didáticos nesse processo, é imprescindível, por carregarem em seus corpos conhecimentos que podem ser libertadores e impulsionadores de novos pesquisadores e verdadeiros defensores da Amazônia.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013. 384 p. ISBN 8522504733. Acesso 13 de fev. 2025.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *In: Fronteiras, [S. l.]*, v. 10, n. 17, p. 55–67, 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/62>. Acesso em: 26 de nov. 2024.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. Estudo de caso: seu potencial na educação. *In: Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 49, p. 51–54, 1984. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1427>. Acesso: 23 de jan. 2025.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros e materiais didáticos de história. *In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008, pp. 293-324.
- BEMERGUY, Amélia; GUEDES, Luana Barragão; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva. **Estudos Amazônicos: História e Geografia – Vol. 4 / Coordenação Mauro Cezar Coelho ... [et al.] – 2. ed. – Belém: Estudos Amazônicos, 2020, p.220. – (Coleção Paradidáticos 6º ao 9º ano)**. ISBN:978-85-64540-93-4.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 10 de fev. de 2025.
- BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 14 de fev. de 2025.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da educação básica o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em 14 de fev. de 2025.
- BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. Tradução de Maria Teresa Lemos Rodrigues. 2. ed. 2 v. Lisboa: Livros do Brasil, 1983.
- BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. *In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p. 7-37.

CAVALCANTI, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *In: Revista História Hoje*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018. DOI: 10.20949/rhhj.v7i13.393. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>. Acesso: 10 de dez. de 2024.

CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História. *Revista de História Regional*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BARROS, C. H. F. de. Ensino de História, memória e história local. *In: Revista Principia*, [S. l.], v. 1, n. 21, p. 64–74, 2012. DOI: 10.18265/1517-03062015v1n21p64-74. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/149>. Acesso: 16 de fev. 2025.

DIAS, Edinea Mascarenhas. Espaço urbano: preservação ou segregação. *In: DIAS, Edinea Mascarenhas. A ilusão do fausto – Manaus, 1890-1920*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007, pp. 117-151.

FARAGE, Nádia. **As muralhas dos sertões**: Os povos indígenas do rio Branco e a colonização. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ANPOCS, 1991.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *In: Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, dez. 2002. p. 314 – 332. DOI: 10.1590/2237-101X003006013.

FREITAS, Itamar. Livro didático de história: definições, representações e prescrições de uso. *In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Felix Batista de (org.). Livros didáticos de história: escolhas e utilizações*. Natal, RN: EDUFRN, 2009, p. 11-20.

GOIS, Diego Marinho de. “Pérola do tapajós”: Santarém e o cotidiano de uma cidade no interior da Amazônia no final da década de 1920”. *In: GOIS, Diego Marinho de; ARENZ, Karl Heinz; LAURINDO JR., Luiz Carlos (orgs.). Baixo Amzonas. Histórias entre rios, várzeas e terra firme*. São Paulo: Intermeios, 2022.

HOWARD, Catherine V. A domesticação das mercadorias: estratégias Waiwai. *In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: Ed. Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.25-55.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. *In: Revista Em Extensão*, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REE-v7n12008-20390. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. p. 55-66.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Galarce. **Aprendizagens ativas**: história regional e docentes da Educação Básica. *Debates em Educação*, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 356–372, 2018. DOI: 10.28998/2175-6600.2018v10n21p356-372. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/4138>. Acesso em: 13 fev. 2025.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. O novo já nasce velho: a Idade Média pós-BNCC e a questão da mulher medieval nos livros didáticos de história do guia PNLD-2020. *In: Brathair*, v.21, n.1, 2021. ISSN: 1519-9053. P. 226-255.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2013.

MANFRIN BONAVIGO, M. História Regional: análises historiográficas. *In: Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF, [S. l.]*, v. 22, n. 2, p. 245-261, 2023. DOI: 10.5335/srph.v22i2.14898. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/14898>. Acesso: 04 de fev. de 2025.

MORENO, Jean Carlos. Limites, escolhas e expectativas: horizontes metodológicos para análise dos livros didáticos de História. *In: Antíteses, [S. l.]*, v. 5, n. 10, p. 717-740, 2013. DOI: 10.5433/1984-3356.2012v5n10p717. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/13317>.

MUNAKATA, K. O livro didático: alguns temas de pesquisa. *In: Revista Brasileira de História da Educação*, v. 12, n. 3[30], p. 179-197. Acesso: 21 ago. 2024.

PARÁ. Lei nº 10.820, de 19 de dezembro, de 2024. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Estado do Pará. **Diário Oficial do Estado do Pará**, Belém, 19 de dezembro de 2024. Acesso: 25 de fev. 2025.

PORTELLI, A.; JANINE RIBEIRO, T. M. T.; RIBEIRO FENELÓN, R. T. D. O que faz a História Oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.]**, v. 14, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acesso em: 07 de fev. 2025.

TEIXEIRA JÚNIOR. Tese. Ditos e escritos sobre os Estudos Amazônicos, no ensino básico do Estado do Pará. *In: Dossiê História e Educação. Revista de História Bilros*, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 13-24, jul.- dez. 2016. ISSN: 2357-8556. Acesso em: 27 de ago. 2024.

## ANEXO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:**

**Nome do orientador da pesquisa:**

**Nome do estudante autor:**

Você está sendo convidado(a) a participar de um projeto de investigação do estudante da Universidade Federal do Oeste do Para (UFOPA).

O objetivo geral do presente estudo é:

**Procedimento:** Como instrumento para coleta de dados será realizada uma entrevista, que servirá unicamente para fins de pesquisa.

Para qualquer dúvida ou pergunta sobre assuntos relacionados à pesquisa, o orientador estará disponível para esclarecê-las através do telefone \_\_\_\_\_ ou e-mail \_\_\_\_\_.

Tendo lido, compreendido e estado suficientemente esclarecido sobre os propósitos do estudo a que foi convidado a participar, eu \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, autorizo que as informações prestadas sejam divulgadas no trabalho.

Santarém, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
*Assinatura de quem consente*

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do/a orientador/a), RG: \_\_\_\_\_, comprometo-me a utilizar os dados coletados na entrevista para fins de pesquisa, mantendo o sigilo dos nomes dos participantes.

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do orientador*